



O DIA 17 DE MAIO

Era o dia 17 de Maio, e as rosas-chá do capitão Machado estavam abertas e já se desfolhavam. Lourença olhou da janela do quarto e achou que não havia razão para vestir roupa de agasalho. Estava calor, e do mar, ao fundo da avenida, vinha uma brisa esperta, com ar de dança. Mexia nos fios eléctricos e fazia balouçar os pardais rabotos que lá estavam. Lourença, se já não parecia contente com o vestido destinado para esse dia, mais contrariada ficou. Era um vestido de comunhão, de *voile* de lã, com lacinhos de alto a baixo, e a mãe garantia que era de bom gosto. Lourença estava na dúvida. Sentia

comichão nos braços, apetecia-lhe rasgar alguma coisa nas costuras. A velha Serafina disse que era o demónio a tentá-la.

— *No seas pelma, criatura* — disse-lhe. Era uma espanhola de feitio furioso, mas doce como um cordeiro para as crianças da casa. Para as outras, não. A avó de Lourença viera de Espanha, Lourença não sabia como ela pudera chegar, porque nunca andava. Via-a sempre sentada no salão do Douro, a ler um jornal ou a fazer um trabalho de costura. Vivia numa quinta. Ouvia-se a água a cair nos tanques, de dia e de noite. A ramada punha no pátio uma sombra triste. Serafina não era popular, e os rapazes da escola atiravam pedras à porta só para a ouvir falar naquela língua arrevesada.

— *Os voy a machacar!* — e saía com o facão de picar a carne. Metia medo. Lourença achava que ela exagerava. Mas todos exageravam, até ela, Lourença; como no dia da primeira comunhão em que não lhe apetecia enfiar o vestido. Sentia-se bem só com a combinação de cambraia, na verdade mais própria para um dia como aquele. Pensou que, se saísse assim à rua, ninguém ia achar estranho. O véu cobria-lhe os braços e ficava muito decente.

— Deves ter só pensamentos elevados e não tolices assim — disse Marta. Mas via-se que falava por falar. Olhava os braços redondos e bonitos em que tinha muito orgulho.

— São braços como os das huris — dizia. Alguém lhe metera aquilo na cabeça. Com certeza fora o estudante Cordeiro, que gostava dela. Era um rapaz sem futuro, pelo menos no sentido que Marta dava ao futuro: uma data de gravatas e um curso. Quando era pequena, Marta não podia ver uma farda que não perguntasse logo: «Que curso é o de bombeiro? E o de escuteiro, que curso é?» Preocupava-

-se muito com isso de distinções e maneiras. O estudante Cordeiro tinha boas maneiras ou sabia imitar muito bem. Falco dava a opinião dele sobre isso, ainda que ninguém lha pedisse. Mas se fosse estar à espera de que lhe pedissem a opinião, nascia-lhe a barba antes disso. No dizer de Serafina, a esperança é o pão dos coitados.

— Se lhe puseres diante uma laranja num prato, com faca e garfo, vês logo se ele tem boas maneiras. Não há muita gente que saiba descascar uma laranja.

— O pai sabe — disse Lourença.

— Cala-te, Dentes de Rato. Não és cá chamada.

— O pai... — ia continuar Lourença. Mas Falco já estava a dizer outra coisa, e ela perdeu a vontade de falar. Sentia-se esquisita. Às vezes chorava às escondidas, tudo lhe dava muita pena. Um passarinho morto ou a história de Santa Inês coberta com os longos cabelos. Tinha uma estampa de Santa Inês, nua, mas muito abrigada nos belos cabelos que ela tinha. Lourença pensou que não era má ideia deixar crescer os dela. Mas a mãe não se mostrou nada de acordo. Ela era ainda do tempo em que as mulheres não cortavam o cabelo e não se queria lembrar.

No dia 17 de Maio, Lourença estava pronta para sair, armada como um andor, os grandes sapatos brancos a aparecer debaixo da saia comprida. Falco tinha um laço de seda no braço e perdera muito da graça que ele tinha. Estava aborrecido, mas esforçava-se por tomar um ar solene. Lourença, que tinha o hábito de comungar às primeiras sextas-feiras de cada mês, não parecia comovida. Estava morta de calor e só queria voltar depressa para casa e despir o vestido.

A igreja pareceu-lhe escura e triste, não tinha ar de festa nem colgaduras vermelhas. E o reitor, corcunda e com olhos de águia, disse coisas piedosas que não iam bem com o aspecto dele. Fazia um bocado de medo. Quando ele a mandou pedir perdão aos pais pelas ofensas que ela tinha feito, não quis acreditar no que ouvia. Valeu-lhe o olhar divertido e terno do pai; senão não sabia como sair-se de tudo aquilo. Marta disse que ela parecia parva; que era um dia óptimo na vida duma pessoa e que devia ter chorado um pouco.

— Isso és tu que tens lágrimas de crocodilo prontas a toda a hora — disse Falco.

Pegaram-se, como de costume, e foi preciso impor respeito porque prometiam «sacudir o pó» um ao outro.

Lourença começava a familiarizar-se com o vestido e foi para a avenida com ele, mostrando-se a quem passava. Uma das pessoas que passou foi o padre Folard, um dos directores espirituais do colégio. Estava quase sempre no estrangeiro e só raramente aparecia. Lourença foi cumprimentá-lo, vaidosa do seu grande dia. Padre Folard olhou para ela com admiração. Era um olhar estranho, como se ela fosse uma mulher e ele um homem. Nunca na vida Lourença encontrou mais quem olhasse para ela assim; era como uma lâmina a cortar um papel de seda, sem deixar vestígios de ele ter sido cortado. «Sou uma rapariga crescida» — pensou, impressionada. Falco chegou ao pé dela, já sem o laço de seda no braço e pronto a desaparecer de casa e a gozar o feriado. Lourença achou-o uma criança, embora tivesse mais dois anos do que ela.

Era assim que as coisas aconteciam, as coisas mais importantes. Não se dava por nada e tudo mudava. Estava um pouco descontente,

